



## ***A Antiga Relação do Homem com o Cavalo***

**André G. Cintra. MV, Prof. Esp.**

Autor dos livros “Alimentação equina: nutrição, saúde e bem-estar” e “O cavalo: características, manejo e alimentação” e coautor do livro “Manual de gerenciamento equestre: textos, tabelas e planilhas”.

Contato: [agcintra@gmail.com](mailto:agcintra@gmail.com).

Site [www.andrecintra.vet.br](http://www.andrecintra.vet.br)

Instagram: [@andregcintra](https://www.instagram.com/andregcintra).

YouTube: [André G. Cintra](https://www.youtube.com/AndréG.Cintra)

O ancestral mais antigo do cavalo, o *Hyracotherium* ou *Eohippus*, data de 55 milhões de anos atrás. Desde essa época, no período Eoceno, até chegar aos cavalos atuais, *Equus sp*, muito se modificou no cavalo, porém quatro aspectos ainda permanecem imutáveis, sendo o que denominamos de ‘Preceitos Equestres’: Presa, Gregário, Liberdade e Alimentação. O equino evoluiu como presa, sempre fugindo de tudo que pode colocar em risco sua sobrevivência, sendo esta sempre sua atitude inicial; o ataque, eventual, somente ocorre se a fuga não for possível. Como animal gregário necessita de companhia, preferencialmente de seus pares. Evoluiu como animal que estima e preza a liberdade, pois esta lhe permite manter-se a salvo de seus predadores. E por fim, alimentação baseada em forrageiras, cujas necessidades de fibras longas são fundamentais para sua sobrevivência.

A domesticação do cavalo pelo homem, há cerca de cinco ou seis mil anos, incorre em um fator interessante, pois sendo presa, sua atitude natural seria de fuga; porém, com o fim do último período glacial, há dez mil anos, as florestas começam a tomar conta do cenário mundial, diminuindo os campos de pastagens que permitiram ao equino sobreviver de forma eficiente. Nesta mesma época, entre dez e doze mil anos atrás, o homem começa os primeiros passos da agricultura, se fixando em determinadas áreas e não permitindo o avanço das florestas ao seu redor. Provavelmente essa aproximação foi que permitiu a sobrevivência do cavalo como hoje o conhecemos, pois sua área de alimento natural estava a diminuir, impedido apenas pela fixação do homem no campo.

Inicialmente, o homem utilizou o cavalo como mais uma fonte de alimento, mas percebeu que poderia utilizá-lo como meio de transporte, iniciando-se aí uma parceria de sucesso, que permitiu ao homem ultrapassar barreiras dantes nunca possível, como a velocidade e distância percorrida.

Desde então, a parceria homem & cavalo estreitou-se até o início do século XX, sendo este o único século desde a domesticação, em que o homem rompeu a relação com o equino, sendo esta retomada de forma mais intensa no final dos anos 80.

Após a dependência do homem pelo cavalo para contato com as civilizações mais distantes que ocorreram há seis mil anos até o início do século XX, com a invenção do automóvel, o equino passou de companheiro indispensável a obstáculo inconveniente, pois sujava as cidades e exigia um constante cuidado com alimentação, ferrageamento, equipamentos, etc.

Desta forma, populações inteiras de equinos quase foram exterminadas no início do século XX, relegando ao cavalo um plano jamais visto pelo homem, sendo preservado apenas em algumas culturas, em esporte de elite e no interior rural de muitos países.

Com o advento da tecnologia, a partir da segunda metade do século XX, que fixou o homem nas cidades, levando a jornadas de trabalho cada vez mais extenuantes, com maior ênfase no final do século, o homem busca um retorno às suas origens e nada mais natural que essa busca recaia no equino, animal que sempre o acompanhou nas mais diversas conquistas dos últimos 50-60 séculos.

Apesar da domesticação prover ao equino abrigo, alimento, cuidados de saúde e proteção contra predadores, limitou sua liberdade, a livre reprodução e obrigou o animal a despendar energia em benefício de outra espécie. Algumas características comportamentais do equino mostram uma predisposição a uma relação benéfica com o homem, porém, até poucos anos, este deu exagerada importância à sua dominância, pouco se importando com uma relação de companheirismo com o cavalo. Isto tem se modificado de forma muito intensa, com diversos pesquisadores e profissionais que, buscando compreender a natureza do equino e suas origens, almejam prevenir os efeitos deletérios que o homem causa ao animal.

Ao se entender os equinos, porque se comportam de determinada forma, o homem pode controlá-lo e conviver com ele de forma mais eficaz e eficiente.

Como todos os animais, e a ciência o comprova em estudos bem recentes, o cavalo é um ser senciente, isto é, tem a capacidade de ter sentimentos e possui consciência do mundo que o cerca. Sendo assim, nada melhor que buscar uma relação de paz e sobriedade com este animal que há tanto tempo nos acompanha.

Darwin, em “A Origem das Espécies” já estabelecia que os animais possuem 06 sentimentos básicos: Surpresa, Felicidade, Tristeza, Aversão, Raiva, Medo. Mais recentemente, Jaak Panksepp nomeia 07 sentimentos básicos: Busca, Raiva, Medo, Pânico, Brincar, Cuidados, Luxúria.

A pesquisadora científica Temple Grandin, um dos maiores nomes do comportamento animal de nossa era, é quem mais trabalha nesse sentido relacionando emoções, sentimentos e comportamento como fatores intrínsecos e extrínsecos ao animal e todos juntos são responsáveis pelas atitudes do animal em relação ao meio.

Uma discussão recente, abordada por cientistas europeus que comprovam que cavalos sentem depressão, mostram que eles estão em busca desse entendimento para tratar a depressão humana - vai aqui uma recomendação pessoal: eles deveriam recomendar mais contato com cavalos a essas pessoas, pois certamente a depressão seria mais rapidamente tratada.

Aprofundando um pouco mais com relação aos sentimentos dos animais, quais sentimentos os animais possuem, cientificamente, quer sejam por observação ou não, são aceitos os citados acima por Darwin e Panksepp, mas vou mais longe, através de percepção pessoal oriunda de alguns anos de convivência com animais e aprofundado por leituras e estudos: ousou dizer que os animais possuem todos os sentimentos e emoções que os humanos possuem. Mas, e aqui cabe uma grande ressalva e compreensão, são sentimentos dos animais. Podemos até dar nomes humanos para os sentimentos e emoções dos animais, porém, jamais devemos achar que eles os sentem como os humanos os sentem. Sendo assim, um cavalo sente dor, ódio, raiva, amor, ciúmes, depressão,

medo, etc., como um cavalo, baseado na evolução de um cavalo. A forma como os sentimentos e emoções evoluem em uma espécie, é a forma mais eficiente que permitiu a sobrevivência desta espécie nos milhões de anos de processo evolutivo dela. E fica claro que a forma de sobrevivência do cavalo foi diferente da do cão, que é diferente da do gato, que é diferente da do bovino, do caprino, do homem, etc. A melhor convivência possível do homem com um animal passa essencialmente através desta compreensão de seu comportamento.

Com relação à comunicação equina, para se falar melhor o ‘cavalês’, devemos entender como os animais se comunicam. Eles o fazem utilizando de seus seis sentidos: visão, audição, olfato, tato, paladar e empatia.

Claro que os sentidos de visão, audição, olfato, tato e paladar funcionam de forma específica e característica da espécie (para conhecer melhor esses sentidos, estão bem descritos no livro “O Cavalo: Características, Manejo e Alimentação”), mas são bem conhecidos do homem. Interessante aqui, para aprofundar a relação homem & cavalo, é conhecer melhor o ‘sexto sentido’, a empatia.

Do ponto de vista da psicologia humana, empatia é definida como ‘colocar-se no lugar de alguém’. Do ponto de vista etimológico, esta definição está errada, pois empatia vem do grego *empathia*, “paixão, estado de emoção”, formado por *en-*, “em”, mais *pathos*, “emoção, sentimento”; a ideia é estar “dentro” do sentimento alheio, ou ainda ‘sentir o que o outro sente’.

A psicologia humana, com sua definição, busca racionalizar a emoção, pois ‘colocar-me no lugar de alguém’ exige reflexão e racionalidade do que e como a pessoa em questão age e reage às diversas atitudes e momentos do mundo que a cerca. A concepção do ‘sentir o que o outro sente’, é um estado puramente emocional e expressa claramente como os animais nos percebem, porque nossa atitude e postura ao se aproximar de um animal podem definir a forma como ele reage, pois ele ‘percebe’ nossas intenções e estado emocional muito antes de o tocarmos. E este último sentido é que explica o porquê, ao controlar sua respiração e seu estado emocional, isso permite que nos acheguemos com mais facilidade ao animal.

A racionalidade dos animais vem sendo observada e, apesar de ainda não cientificamente comprovada como muitos assim o exigem, está cada vez mais a ser aceita e menos discutida. Uma questão que sempre se posiciona contra essa racionalidade, tem relação com a consciência dos animais. Como pode existir racionalidade se não há consciência, ou ao menos prova da consciência dos animais? (Curiosamente, até há poucos meses não havia se comprovado a existência da consciência dos humanos, mas esta nunca foi questionada – por motivos óbvios, pois se estou aqui a escrever, e você a ler isso, é porque temos consciência de algo). Mas nestes últimos meses, um dos maiores cientistas do mundo atual, o canadense Philippe Low, em um trabalho com o físico Stephen Hawking, conseguiu mapear a consciência dos humanos. Utilizando o mesmo método em animais, ele observou que as áreas aceitas como responsáveis pela consciência dos humanos são ativadas também nos animais sob os mesmos estímulos, o que comprova, agora de forma científica, que os animais possuem consciência.

Um dos principais fatores que permite que o cavalo se aproxime de nós e que obtenhamos dele uma resposta positiva é a questão de organização social. Toda sociedade animal exige um comportamento social com uma organização hierárquica eficaz, e essa eficácia é traduzida pela sobrevivência do grupo e pelo estabelecimento de uma hierarquia no grupo, onde temos

estratificação de quem lidera e quem é liderado, e isso ocorre em diversos níveis, e não apenas um manda e todos o seguem.

Os cavalos estão sempre em busca de um líder, que seja confiável e que permita a convivência pacífica e que disponibilize todos os proventos necessários para a sobrevivência.

Sendo assim, aproveitando-se disto, ou melhor ainda, integrando esse comportamento natural dos animais às nossas necessidades é que podemos e devemos buscar ser líderes, onde isso se traduza em uma melhor convivência para ambas as espécies.

Atenção deve ser dada que a busca do cavalo é por um líder, aquele a quem se deseja seguir, cujos passos são inspiração e desejosos de serem adotados, e não pela busca de um chefe, aquele que se impõe, aquele que se obedece por medo ou insegurança. É a diferença da busca da relação 'homem & cavalo' e não 'homem x cavalo'.

Certamente, muito ainda há por aprender, pois muito ainda há por estudar, mas o caminho está sendo traçado de forma a aproveitar o conhecimento e utilizá-lo visando a melhor convivência com o cavalo.

E isso pode ser parte da vida de muitos, pois o aprendizado do 'cavalês' é algo menos complexo do que muitos imaginam, pois o cavalo não é um animal complexo; o homem é quem pode complicar esse relacionamento.